

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL

O REENCONTRO COM O SAGRADO EM UMA PERSPECTIVA AMBIENTAL.

Chapada Diamantina, Maio de 2005.

Roseane Palavizini. Arquiteta Urbanista, Doutoranda em Engenharia Ambiental - UFSC, Mestre em Urbanismo – UFBA, Especialista em Planejamento Municipal e Gestão Urbana – UFBA e Gestão Ambiental e Educação Ambiental – UCSal.

RESUMO:

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre o fenômeno do SAGRADO nas relações humanas, e suas implicações nas questões ambientais e de cidadania, vividas no contexto civilizatório desse início de século XXI. A abordagem do tema tem início com a definição de um marco científico sobre o sagrado, permitindo a reflexão desse conceito a partir de diferentes autores. No segundo momento, é apresentado o marco místico, onde são descritos dois rituais, tradições espirituais milenares dos Povos Americanos e dos Povos Africanos, vivenciados pela própria autora. O artigo segue construindo a visão do fenômeno do sagrado, a partir do diálogo entre o conhecimento científico e a experiência mística, ritual. Nesse contexto, o sagrado é abordado como referência fundamental de reflexão das questões ambientais e de cidadania, destacando a dessacralização das relações humanas e a importância do reencontro com o sagrado, nesse processo de humanização e de construção de uma cidadania sacralizadora.

1. INTRODUÇÃO

Para todas as minhas relações. Esse é o ponto de onde partimos para abordar o fenômeno do sagrado. Esse fenômeno é parte integrante das tradições espirituais que o expressam de diferentes maneiras. Buscamos aqui encontrar um caminho de ligação entre as diferentes formas de expressão e reconhecimento desse fenômeno, percorrendo mundos, entre autores e pessoas que pensam e vivenciam sua idéia e seu sentimento de sagrado.

Nosso interesse pelo fenômeno do sagrado tem origem na nossa história, em um País construído a partir de culturas que cultuavam o sagrado em sua relação com a natureza, mantendo um profundo conhecimento sobre essa natureza, revelando um diálogo precioso entre o espírito humano e todos os demais seres dos diferentes reinos e em suas diferentes formas. Os filhos da terra, com suas grandes nações: a Tupi, a Guarani, os africanos, que trouxeram seus cultos e sua forma de existência no mundo, os europeus, com sua velha história marcada por uma religiosidade instituída, escrita e concebida, todos esses povos que vieram formar a nação Brasileira, formam hoje o nosso povo, que vem também se formando e transformando, buscando sua identidade, sua ancestralidade e o sentido de sua existência.

Foi nesse contexto civilizatório que me criei e que nasci Brasileira e Baiana, em Itapuã, às margens do Oceano Atlântico e das águas escuras da Lagoa do Abaeté. Desde a infância eu via pessoas vestidas de branco, levando flores nas canoas para o fundo do mar e para o fundo e as margens da lagoa. O fato é que cresci envolvida em uma rede de mistérios, do não dito, mas sabido, das preces, das crenças, do respeito à natureza e da profunda certeza da nossa ligação com a Terra e com o Céu.

Os destinos da minha formação me levaram a fortalecer uma missão profissional, assumindo um grande desafio, a dedicação em buscar caminhos para levar esse mistério do sagrado às relações humanas. Essa visão espiritual, muitas vezes pareceu contraditória. Mas quanto mais eu estudava, lia e refletia, mais eu me certificava de que estava no caminho certo e que a ciência tem algumas direções que levam ao encontro com o mundo espiritual, não material. Segui buscando esses caminhos para aproximar esse diálogo e tentar aproximar a forma da sociedade humana, a uma forma sagrada de existência, uma forma de viver plena, consciente, em harmonia e em família com a natureza.

Esse trabalho de retorno ao sagrado está aqui apresentado a partir de dois marcos: o marco científico e o marco místico. No marco científico percorreremos diferentes abordagens sobre o sagrado, dialogando com distintos autores, buscando nesse diálogo valorizar os conhecimentos e percepções no campo em que a ciência trabalha esse fenômeno. No marco místico apresentaremos a vivência ritual, como um momento de silêncio, onde não há espaço para explicações ou racionalizações, um momento especial de abertura, onde tudo começa e termina, com a força de um instante. Esse marco apresenta a vivência de dois Rituais, o da Cabana do Suor e o Presente às Águas, revelados de forma essencial, resguardando o mistério do sagrado. Prosseguindo nessa jornada, o artigo propõe uma reflexão sobre a sacralização e a dessacralização das relações humanas, a partir de uma visão de cidadania, na qual o mistério do sagrado se apresenta como uma perspectiva de reencontro da sociedade humana consigo e com todas as suas relações.

2. O MARCO CIENTÍFICO

Para abordar o fenômeno do sagrado percorreremos os caminhos trilhados por diferentes autores, conhecendo as múltiplas percepções e concepções do fenômeno. Nesse artigo ressaltamos os trabalhos de Gregory Bateson, Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Mircea Eliade, dialogando com esses autores em busca de ampliar os marcos de referência que vão nos auxiliar a construir uma idéia de sagrado que possa ser incorporada como elemento estruturante na construção de relações sustentáveis entre a sociedade humana e a natureza.

Iniciamos com a visão de Gregory Bateson, onde o sagrado é identificado como *aquilo que liga*. O autor ilustra a visão de sagrado, a partir de uma simples questão: o que evoluiu primeiro, o pasto ou o cavalo? E segue respondendo, envolto em um olhar complexo, que nem um nem outro, foi a relação que evoluiu, e a partir dela, o pasto e o cavalo evoluíram juntos. A relação é identificada como a ligação que revela um determinado padrão, esse *padrão que liga* é, segundo Bateson, o sagrado. A identificação do padrão que liga um fenômeno é percebido nas múltiplas relações existentes nesse fenômeno. Nesse sentido, estudar a sacralidade de um fenômeno requer o estudo de suas relações, buscando identificar padrões de afinidade, de semelhança, que ao tempo em que identifica cada relação como única, reconhece a sua unidade, a sua conexão, a sua essência presente em todas as relações, identificando assim o padrão que as liga, onde transita o sagrado. O sagrado afirma-se então, conforme Bateson, como *a experiência de uma realidade e a origem da consciência de existir no mundo*.

A relação como essência do sagrado também é trabalhada na teoria da complexidade, apresentada por Edgar Morin. Traduzindo o complexo como *aquilo que é tecido junto*, Morin apresenta o desafio de compreender a complexidade da realidade, reconhecendo que é necessário compreender a suas múltiplas relações. A complexidade vem então afirmar que um objeto não pode ser compreendido apenas em si mesmo, mas precisa ser estudado a partir de suas relações, porque ele vive alterações e altera o sistema em que interage. Podemos então nos perguntar onde está a complexidade, no olhar de quem percebe a realidade ou na própria realidade? Imaginamos então, a partir das visões de Bateson e Morin, que a complexidade está na relação entre a realidade e quem a percebe. A pessoa ao observar a realidade, percebe a realidade a partir do seu conhecimento e saber pré existentes. Quanto maior a complexidade de sua episteme, mais dimensões de complexidade a pessoa consegue perceber. Assim a pessoa e a realidade se alteram juntas e mutuamente.

Considerando o sagrado como um fenômeno que se expressa nas relações, podemos dizer que a capacidade de perceber e estabelecer relações, com as múltiplas dimensões de complexidade de uma realidade, pode então ampliar o fenômeno do sagrado na relação entre a pessoa e a realidade. As diferentes formas de perceber e vivenciar a realidade são determinantes para a compreensão das diferentes formas em que o sagrado se apresenta enquanto fenômeno. Essa complexidade de relações amplia a experiência humana diante da realidade, ampliando assim a sua consciência de existência nessa realidade. Para melhor compreender o sagrado é necessário ampliar o nosso diálogo para além das fronteiras da ciência, reconhecendo outros saberes, percepções e formas de existência, como legítimas nessa construção.

Um outro olhar sobre o sagrado é abordado por Basarab Nicolescu, em seu livro *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. O autor se refere o sagrado como o espaço de unidades entre o tempo e o não tempo, o causal e o a-causal, o lugar do encontro entre o movimento ascendente e descendente de informações e da consciência, atravessando os diferentes níveis de realidade e de percepção. Para Nicolescu o sagrado é transreligioso e transcultural, é transcendente e transdisciplinar. Ele atravessa o tempo e o espaço, criando uma comunicação contínua, um diálogo permanente e sem resistência entre a pessoa e o mundo. Nesse contexto, o fenômeno do sagrado também é visto como aquilo que liga a pessoa às diferentes dimensões de percepção e de realidade, permitindo que ela transite nessas diferentes dimensões, dialogando, com abertura, rigor e tolerância, sem pré conceituar ou rotular, mas interagindo na dinâmica de renovar-se e recriar-se a partir de cada relação, preservando a sua essência. O sagrado é visto então como um fenômeno não local, não temporal, um fenômeno de interação, intercâmbio, de comunicação instantânea.

Nicolescu apresenta o prefixo trans como *aquilo que atravessa, que vai além*. A transdisciplinaridade, além da disciplinaridade, transita nos universos disciplinares, reconhecendo-os em sua importância de saber especialista e estabelecendo um campo de diálogo, intercâmbio e construção comum entre esses universos, ampliando essas relações na inclusão de outros tipos de saberes, além do saber da ciência. É nesse aspecto que a transdisciplinaridade abre a perspectiva para a expressão do fenômeno do sagrado. A interação respeitosa e verdadeiramente inclusiva da diversidade de saberes e percepções, abre um campo fértil para a manifestação do sagrado. Para que sejam construídas as relações entre diferentes, existe algo que liga essas pessoas, algum padrão de afinidade que precisa ser reconhecido e valorizado como padrão que liga. Podemos dizer então que, em um grupo transdisciplinar, o sagrado é o campo onde as relações transitam com fluidez, sem resistência, acolhidas por um padrão de afinidades, e exercidas com *abertura* para acolher e interagir com o novo; com *rigor* para construir o domínio de comunicação do grupo, e com *tolerância* para reconhecer a diversidade como valor necessário à dinâmica da existência e da vivência da realidade.

A quarta visão apresentada no Marco Científico deste artigo é o fenômeno do sagrado, segundo Mircea Eliade. Eliade apresenta o conceito de Hierofania, como *o ato de manifestação do sagrado*. O autor destaca a visão sagrada de alguns seres humanos, que percebem a manifestação do sagrado em pedras, árvores e animais. A relação que esses humanos estabelecem com diferentes formas da natureza, é resultado do reconhecimento do sagrado que é revelado através dessas unidades. O reconhecimento desse sagrado na natureza, revela uma forma de ver a realidade e de se relacionar com ela. Eliade apresenta então dois modos de ser no mundo, a experiência sagrada e profana de existência. A forma sagrada de existir é consagradora, torna sagrado o mundo e tudo que nele existe. Nesse contexto o sagrado também aparece como uma forma de existir, ou de se relacionar no mundo e com o mundo. Para Eliade a Terra e o Cosmo manifestam o sagrado na nutrição, nos ritmos, nos ciclos, na ordem, na harmonia, na permanência e na fecundidade, definindo-se como um organismo real, vivo e sagrado. A conexão da Terra com o Cosmo funda o Axis Mundi, lugar de recriação do mundo, o lugar do sagrado. Nesse contexto, Eliade inaugura uma visão fundamental para o fenômeno do sagrado: o reconhecimento da sacralidade na relação humana com a natureza e com o mundo não material, espiritual.

3. O MARCO MÍSTICO

O Marco Místico está apresentado a partir de dois rituais descritos em sua essencialidade: a *Cabana do Suor*, ritual Xamânico dos Povos Americanos; e *Presente às Águas*, ritual Africano de reverência à água.

A CABANA DO SUOR

Iniciamos essa jornada a caminho do ritual Xamânico, praticado pelos nativos americanos, a Cabana do Suor. Ao entrar na cabana circular, em formato de forno, estruturada com bambu, coberta com lonas e cobertores, e terra no chão, agradecemos ao Cacique do Fogo, o guardião da fogueira e do fogo que aqueceu as pedras que serão levadas ao interior da cabana. Ainda na porta da cabana, fizemos nossa reverência à mãe Terra e dedicamos o que viveremos ali, *para todas as nossas relações*. Entrando agachados, em sentido horário, escolhemos o local que queremos sentar, e ali ficamos em silêncio, respirando o vapor de ervas que nos alcança, enquanto os sons do líquido frio nas pedras quentes interrompiam o silêncio profundo na forte escuridão.

As batidas dos nossos corações são flagradas pela voz que inicia o ritual. *Na Cabana do Suor nós retornamos ao útero da mãe Terra, para morrer e renascer, para nos livrar de todos os males e livrar a Terra de todos os males, buscando o caminho da cura, da Terra sem Males. Cada direção cardinal é trabalhada em seu foco místico, atuando em cada pessoa e processando a sua transformação. A direção Sul é a direção do elemento água, do povo vegetal, das crianças, das emoções. Com essa direção buscamos a cura do nosso corpo emocional, dos maus sentimentos, dos sentimentos destrutivos, que nos adoecem e desarmonizam, abrindo espaço para os sentimentos que desejamos cultivar. A direção Oeste é a direção do elemento terra, do povo mineral, do feminino, o lugar do recolhimento, da morte e do renascimento, da nutrição, do receptivo. Nessa direção trabalhamos a cura do nosso corpo físico, nos livrando das doenças e dos desequilíbrios físicos e biológicos, abrindo espaço para a saúde, a ordem e a beleza em nossas células, órgãos e em todo o nosso sistema corporal. A direção Norte é a direção do elemento ar, do povo animal, do pensamento, da comunicação, das relações interpessoais, do movimento. Nessa direção trabalhamos o poder da nossa mente, a liberação de preconceitos, de julgamentos, de verdades absolutas, de pensamentos repetidos, de idéias que aprisionam, de uma mente que mente, abrindo o espaço para uma mente clara, consciente, aberta ao diálogo e ao novo, capaz de articular diferentes formas de saberes e fontes de saber, uma mente que nos liberte. Fechando a roda, a direção Leste é o lugar do elemento fogo, do povo das estrelas, do mundo dos espíritos, da intuição, da transformação, da alquimia. É com essa direção que trabalhamos a cura do nosso corpo espiritual, limpando o nosso campo energético, sintonizando nossas “antenas” espirituais, abrindo nossos canais intuitivos e a nossa conexão com o pai Céu, com o Cosmo.*

Ao final dessa jornada, vivenciando o poder das quatro direções atuando em nós, iniciamos os cânticos em diferentes línguas, sob uma forma de transe lúcido e consciente, dando abertura a todas as formas de viver a música, o mantra, o som, o tom, a luz. O som parecia sair do coração, fundindo-se aos corações de todos, em notas afinadas em uma seqüência milenar. A mente estava vazia e o sentimento era de estar cantando o todo, como sempre

fizemos, um retorno ao lar, a uma memória que se liga aos primórdios, quando você já não consegue se ver independente de todos, onde você só existe e tem sentido, ligado, conectado, existindo com todas as suas relações.

É nesse momento que vem a vontade profunda de chorar a alma, aquele choro que você deixou perdido quando nasceu de sua mãe, aquele choro que agora retorna para lhe dizer que você não foi separado, que você não foi arrancado, que você não está só. O choro que traz a profunda alegria de reencontro com um mundo perdido, desligado, esquecido, e que agora retorna, com imagens lúcidas em nossa memória, de um sentimento profundo de completude, de sentido, de ligação, de interser, de acolhimento, de retorno a nossa casa.

Chegando ao final do ritual, saímos silenciosamente guardando uma euforia interior, uma vontade de gritar ao mundo, à humanidade, a toda a natureza, a todos os povos, ao Céu, ao todo Deus, a nossa felicidade de estar pleno em consciência, em amor. E então mantivemos o silêncio até o momento em que deixamos a porta da Cabana e então, saudamos novamente a nossa mãe Terra, agradecemos e dissemos: *para todas as minhas relações*. Sim, agora eu sei o que disse quando entrei, agora eu sei quem sou e me reconheço em todas as minhas relações, com o povo mineral, vegetal, animal, humano, com o povo das estrelas, com o todo.

O PRESENTE ÀS ÁGUAS

Assim como os nativos americanos, os nativos africanos trazem rituais sagrados praticados no Candomblé, na Umbanda, e em outras tradições que permanecem no tempo, por várias civilizações, alcançando os dias atuais. Vivendo em um estado como a Bahia, desde criança crescemos com os sons dos atabaques, as danças de saudação à natureza e os ritos de agradecimentos. Ainda que em alguns momentos possamos ser tomados pelo impulso dos questionamentos e julgamentos, vivemos um instante dessa experiência, e nesse instante, quando a mente descansa, somos livres.

É assim que iniciamos a nossa segunda jornada. Chegando ao encontro do Rio Pojuca com o Oceano Atlântico, no mar de Itacimirim. Um final de tarde de janeiro, quando decidimos fazer daquela tarde uma bifurcação em nossas vidas, para o ano que se iniciava. De pés descalços caminhamos pela areia da praia até uma pedra que mais parecia um altar natural, exatamente no ponto em que as águas do rio corriam em direção às ondas do mar. A maré estava esvaziando e a correnteza do rio estava forte, caótica, fazendo diferentes caminhos. Chegamos só nós duas, caminhando em silêncio, nada planejado, a não ser as rosas e o perfume que levamos em nossas mãos para oferecer às águas. Só o olhar nos guiava, e entre olhares decidimos o lugar do nosso ritual.

Sentamos e ficamos observando o movimento das águas, sua comunicação, a relação de suas forças e domínios, a interação do poder do rio e do mar. Ao olhar à nossa esquerda vimos a direção do rio, imaginando de onde ele vinha, onde ele havia nascido, quantas nascentes são necessárias para que aquele volume de água chegue até ali. Quantas, pedras, plantas e animais usufruem daquela água e toda a sua história até alcançar o seu projeto final, o mar. Do lado direito vimos a imensidão azul do oceano se fundindo ao Céu, o brilho do sol se pondo. Imaginamos sua profundidade, seu infinito, seus mistérios, sua

grandiosidade e seu acolhimento, recebendo todos os rios em sua foz. Embebidas daquele instante meditativo, começamos a destacar as flores dos galhos, flores do campo, rosas e amarelas, arrumadas em um desenho elaborado em nossas orações.

Em cada flor a liberação de tudo que não queremos mais para o novo ano e em seguida outras flores marcavam o nosso propósito para o ano que inicia. Muitas flores, cuidadosamente e conscientemente arrumadas, com toda a força do nosso espírito, da nossa mente e das nossas emoções. Quando todas as flores já estavam arrumadas, nos aproximamos das margens, entrando cuidadosamente no encontro das águas.

As águas foram tocando os nossos pés, enquanto nos inclinamos para mergulhar na corredeira. A força das correntes pareciam querer brincar, e para brincar com as águas, precisamos fincar os pés e as mãos na areia, deixando a corrente lavar o nosso corpo e a nossa alma. Colocamos as flores nas águas em cantoria, derramando o perfume de alfazema em cima de nós e ao nosso redor. Nesse momento o mundo parou e só havia ali o som das ondas, o brilho da luz e a sensação de envolvimento em um manto infinito.

Ficamos horas paralisadas, olhos molhados, as vezes fechados ou entreabertos. Nesse momento um profundo sentimento de união e integração nos arrebatou, sentimos a água dentro e fora, cada molécula de água do nosso corpo em comunicação com todas as moléculas de água daquele rio e daquele mar, nos ligando a todos os rios e mares, renovando o nosso sangue, purificando os nossos órgãos e alimentando o nosso espírito. Em meio àquela sensação de saúde e cura, o sentimento de completude trazia uma euforia interior, uma alegria de criança que nos impeliu a risos, a brincadeira, à leveza de ser água, de ter água, de conseguirmos nos comunicar com as águas, de estar protegidas por elas, de ser plenas com o todo, em nosso poder de conexão. Vivendo essa experiência percebemos que a relação dos nativos e de tantos povos primitivos com a natureza, não se tratava de criar deuses para as diferentes formas da natureza, e sim de reconhecer a energia divina em todas as formas de expressão da natureza, como uma energia única que nos atravessa e nos liga a tudo e a todos, em um único sistema, uma única rede de existência.

Em meio às águas cor de chá, trazidas pelo rio, e às ondas brancas trazidas pelo mar, o mundo de espumas e oxigênio pareceu encontrar uma suave integração, como um encontro respeitoso e afetuoso, mudando o movimento de ir e vir do rio e mar. Percebemos então estar vivendo o momento em que a maré começa a encher e o rio inicia seu movimento de recolhimento. Agora é o mar que vem em direção ao rio, as correntezas velozes parecem querer nos arrancar do chão e nos convidam para rodar em direção ao mar, cedendo lugar às marolas salgadas que ampliam as margens da corredeira e nos untam com o sal de proteção, depois do banho perfumado. O cheiro de alfazema nos acompanha todo o tempo, as flores desaparecem em meio às águas e areias, e nós nos olhamos como quem acaba de atravessar o tempo e o espaço, vivendo a conexão da força da Terra e do Céu, abençoadas e prontas para viver em plenitude. Suavemente, saímos das águas com a nítida sensação de que continuamos levando-as conosco. Fizemos o nosso agradecimento singelo e olhamos o horizonte em direção ao sol que se despedia com o último raio do dia, por entre os coqueirais. Demos uma volta no eixo do nosso corpo, agradecemos a cada ser e a toda a natureza, e saímos caminhando em silêncio, com os olhos molhados d'água.

4. CONHECER E VIVER O SAGRADO

A partir do Marco Científico - do conhecimento e do Marco Místico - vivencial, podemos traçar alguns paralelos que ajudam a melhor precisar a idéia de sagrado. Como ritos milenares, que guardam a memória da ancestralidade e permanecem sendo vividos dentro dos mesmos símbolos e arquétipos, atravessando séculos; os rituais são elementos significativos para o estudo do fenômeno do sagrado. Vivenciados por diferentes povos, em suas distintas formas, os rituais estão ligados a uma forma essencial do humano transcender o tempo e o espaço, conectando-se com diferentes dimensões de existência, percebidas e interpretadas a partir dos saberes e das crenças de um povo. Os rituais promovem a conexão com a natureza terrena e cósmica, permitindo que o humano atravesse o mundo material e espiritual, experimentando outros estados de consciência e vivenciando diferentes formas de sentir e perceber sua existência. Enquanto a ciência busca conhecer o sagrado enquanto fenômeno, os rituais são a fonte do viver sagrado, em sua essencialidade e profundidade.

A visão do sagrado como padrão de ligação entre unidades, resultante de suas múltiplas relações com o mundo, parece ser vivenciada na experiência ritual descrita nesse artigo. A natureza é reconhecida como elemento de ligação, de conexão, como portal de sabedoria, onde o humano, ao estabelecer a relação, transita na dimensão não material daquela unidade. A água, a terra, o ar e o fogo, elementos estruturadores da Biosfera, geradores da vida, são vivenciados nos rituais como portais de sabedoria e energia vital. A vivificação da natureza e de seus elementos é uma forma de reconhecimento do seu poder e da sua importância no sistema vivo. Para muitas tradições espirituais, tudo que existe é vivo, possui energia de vida, em diferentes expressões. Para a ciência, um exemplo referência é o biólogo Chileno Humberto Maturana, que apresenta em seu artigo *Autopoiésis e Cognição*, o fenômeno da *autopoiésis* como prerrogativa dos sistemas vivos, ou seja, a capacidade de processar a auto-organização, a autodeterminação e a autocriação.

A transcendência e a vivência transcultural, transreligiosa e transdisciplinar é facilmente percebida no processo ritual. Como os elementos da natureza são vivenciados em sua forma essencial, e sendo a natureza um padrão de ligação que tudo relaciona e consagra, o humano vive o ritual com a força da sua condição como espécie, e o percebe e interpreta à luz da sua cultura, das suas crenças, do seu saber e do seu conhecimento. O ritual o atravessa, levando-o para além das identificações imediatas, para vivenciar o cerne da sua humanidade e da sua existência como natureza Terrena e Cósmica. A consciência de interser e coexistir com suas múltiplas relações, reconhecendo-se ligado ao todo, é fortemente vivenciada nos rituais apresentados. A pessoa sente e percebe a sua conexão com tudo que está a sua volta, estabelecendo uma rede horizontal de ligações. A conexão vertical é também vivenciada no processo que transitar diferentes dimensões, atravessando o mundo físico, emocional, mental e espiritual, sem resistência. Toda essa experiência parece estar descrita na idéia de sagrado apresentada por Basarab Nicolescu como espaço de unidades entre o tempo e o não tempo, o causal e o a-causal, o lugar do encontro entre o movimento ascendente e descendente de informações e da consciência, atravessando os diferentes níveis de realidade e de percepção. Nesse contexto, o poder essencial do ritual e os caminhos cognitivos da ciência, revelam juntos a essência complexa do sagrado.

5. A DESSACRALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

Para falar da dessacralização das relações humanas vamos localizar o humano do qual estamos falando. Abordamos aqui o *humano do instante*, considerando o instante como o fractal da existência, no aqui e agora. Esse humano do instante, em permanente processo de transformação, ligado às redes de comunicação, no contexto da globalização, pode ser visto e reconhecido nessas redes que constroem a cultura global, no jornalismo internacional, nos diferentes meios de comunicação, filmes e eventos, onde o mundo se encontra e se aproxima, revelando que há uma identidade nesse humano que existe nesse exato instante, em qualquer lugar do Planeta, desde que esteja ligado à rede global. Estamos falando aqui de uma relação essencial entre diferentes sociedades que, mantendo ainda suas especificidades culturais, possuem um padrão de ligação que apontam afinidades, que formam a essência dessa civilização de início de século XXI. Buscamos nesse contexto, identificar e reconhecer esse humano do instante e sua relação com o sagrado.

O humano do instante vem cada dia mais se expandindo em tecnologias e ideologias e se distanciando de sua natureza e de sua condição humana de existência. Esse distanciamento vem formando uma humanidade isolada de suas relações interpessoais e com a natureza. A solidão humana em meio ao populoso planeta, parece uma contradição, mas é fortemente presente no espírito humano que vem desenvolvendo doenças sociais como, a depressão e o pânico - doenças do século. Os sentimentos de isolamento, abandono, desespero, falta de sentido, falta de identidade e falta de limites, são todos resultantes de um padrão de relacionamento que não consegue reconhecer e respeitar as diferenças, sem sentir-se ameaçado; que não consegue estabelecer conexões com os diferentes seres da natureza, sem sentir-se ridículo ou louco; que não consegue aprofundar relações e vínculos, sem sentir-se perdendo tempo. A falta de limites, de diálogo e de respeito à diversidade, faz com que o humano do instante vá se isolando progressivamente, endurecendo em suas várias armaduras de proteção, tornando-se cada vez mais inflexível, isolado, frágil e vulnerável.

As relações humanas nesse instante planetário, vêm perdendo sistematicamente sua sacralidade, sua conexão com a natureza, sua consciência de Ser complexo e interdependente. Ainda que existam grupos humanos nesse instante, que cultivem uma forte relação com o mundo espiritual, cósmico e planetário, o humano do instante é marcado pela materialidade. O não material é pouco vivenciado em consciência, é pouco conhecido e pouco assumido como parte fundamental da vida e de suas relações.

A dessacralização das relações humanas pode ser vista como um fenômeno, observado na desconexão do humano do instante, com a natureza e com o mundo espiritual, resultante de uma falta de consciência de sua condição humana e planetária, interdependente e interexistente. Essa desconexão vem sendo substituída pelas intensas conexões tecnológicas de informação, que formam a marca global do Século XXI. Em meio a um mar de redes de informação, comunicação e tecnologia, o humano do instante vive a ilusão da separação, o isolamento, o abandono da natureza e o medo - a dessacralização de suas relações.

6. UMA CIDADANIA SACRALIZADORA - O SAGRADO EM UMA PERSPECTIVA DE HUMANIZAÇÃO.

A sacralização das relações é um desafio para o século XXI. Em meio aos avanços da ciência e da tecnologia, e de todos os poderes que a sociedade humana parece conquistar, e em meio ainda à impotência diante da guerra, da fome, das doenças, da miséria humana e das alterações ambientais globais, onde está o sentido da existência? Vivemos então a busca de sentido nesse mar de desconexões, a busca do reencontro com o sagrado.

Essa falta de sentido e a dessacralização das relações humanas, vem gerando e sendo gerada pela mudança de percepção do humano do instante sobre a realidade, reproduzindo culturalmente esse novo estado de ser e perceber. A competição pela sobrevivência, o medo da escassez e da morte, definem a ética e a lei. Nesse contexto toda a natureza foi sendo transformada em recursos naturais, para usufruto da sociedade humana, e a ciência e a tecnologia, os marcos de referência dos limites nessa relação. A Biosfera e toda a natureza, tornaram-se algo fora do ser, podendo ser manipulada e alterada para o interesse humano.

A visão da desconexão entre os sistemas que constituem os seres, que formam o Planeta e que se ligam ao Cosmo, trouxe uma perigosa forma de lidar com a natureza. As mutações genéticas e todas as alterações causadas pelos desequilíbrios ambientais provocados pelas sociedades humanas, parece que não estão visualizadas no contexto de interdependência e implicações das conexões ecossistêmicas e biosféricas. Essa falta de visão sistêmica e complexa pode ser percebida tanto na dimensão global, como na dimensão local. É a cultura de desligamento e dessacralização que se retroalimenta nos sistemas que formam a cidadania do humano do instante, a cidadania comprometida com o atendimento das necessidades imediatas e pontuais, do interesse instantâneo, descontextualizado da visão civilizatória e planetária.

Esse panorama parece justificar a crise cultural que vive o humano do instante nesse início de século XXI. A busca do sentido do humano, os caminhos para a humanização. Na perspectiva de construir uma cidadania sacralizadora, a consciência de consagração do Ser e de suas relações, surge como ponto fundamental. O reconhecimento da pertinência do humano ao Planeta Terra, à sua condição de interdependência com a Biosfera e com o Cosmo, formam a base ética de soberania, comprometida com um processo civilizatório. A consciência do humano do instante, sobre suas relações com os elementos e seres da natureza, além das suas relações eminentemente humanas, é o primeiro passo para a sua humanização e reencontro com o sagrado.

A construção da cidadania sacralizadora tem nesse reencontro o primeiro passo, levando o humano do instante ao reconhecimento de inter-ser e co-existir com o outro, tornando-se uno.

Aos nossos olhos, a questão ambiental que vive hoje o Planeta, em nível global e local, é antes de tudo, uma questão civilizatória, de cidadania, de humanização. O reencontro com o sagrado aponta uma perspectiva na direção dessa humanização, buscando no humano um olhar complexo, amoroso, humilde, solidário, responsável, consciente e sacralizador. Um olhar *para todas as nossas relações*.

7. BIBLIOGRAFIA

BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BATESON, Gregory. *Una unidad sagrada*. Barcelona: Gedisa, 1993.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. London: Jason Aronson, 1972.

BATESON, Gregory, BATESON, Mary Catherine. *El temor de los angeles*. 2ª ed. Barcelona: Gedisa, 1994.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *Autopoiésis and Cognition*. Dordrecht, Ho: D.Reidel, 1980.

MATURANA, Humberto. *El Sentido del Humano*. Santiago: Dolmen, s/d.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação Humana e Capacitação*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. *O Método I – a Natureza da Natureza*. (Tradução de Maria Gabriela de Bragança), 2ª edição. Portugal: Publicações Europa - América/Biblioteca Universitária, 1987.

MORIN, Edgar. *O Método II – a Vida da Vida*. (Tradução de Maria Gabriela de Bragança). 2ª.Edição. Portugal: Publicações Europa-América/ Biblioteca Universitária, 1989.

MORIN, Edgar. *O Método III - O Conhecimento do Conhecimento/1*. 2ª.Edição. (Tradução de Maria Gabriela de Bragança). Portugal: Publicações Europa – América, 1987.

MORIN, Edgar. *O Método IV – As Idéias – Habitat, vida, costumes organização*. (Tradução de Juremir Machado da Silva). Porto Alegre: Sulina, 1988.

MORIN, Edgar, MOIGNE, Jean-Louse Lê. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peiropolis, 2000.

MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.